

<b>Título:</b>	<b>PREVALÊNCIA DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UM OLHAR CRÍTICO</b>		
<b>Autores:</b>	Flávia Winck Eichelberger Verônica Haetinger Rosa Amanda Donadel Bezerra Gabriela Garcia Costa Frantz João Franco do Nascimento Neto Profa. Dra. Cristiane Davina Redin Freitas		
<b>Área</b>	<input type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input checked="" type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	<b>Dimensão:</b>	<input type="checkbox"/> Ensino <input checked="" type="checkbox"/> Pesquisa <input type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
<p><b>Resumo:</b> O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neuropsiquiátrica complexa, caracterizada por déficits persistentes na comunicação e interação social, e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Desde sua primeira descrição por Leo Kanner em 1943, a compreensão e o diagnóstico do autismo têm evoluído significativamente, culminando na atual conceituação como um espectro, conforme o DSM-5 (2013), que abrange diferentes níveis de gravidade e manifestações. Nas últimas décadas, observa-se um notável aumento na prevalência de diagnósticos de TEA em todo o mundo. Relatórios como o do Centers for Disease Control and Prevention (CDC) de 2018 indicam uma taxa de 1 para cada 59 indivíduos, representando um crescimento expressivo desde 2008. No Brasil, embora os dados oficiais sejam mais frágeis, as estimativas apontam para uma população de 1,9 milhão de pessoas com TEA, consolidando-o como uma questão emergente de saúde pública.</p> <p>O aumento na prevalência suscita um olhar crítico sobre os fatores que o impulsionam. A literatura especializada aponta para a importância da intervenção precoce, com a atribuição do diagnóstico ocorrendo o quanto antes para obter-se um melhor prognóstico. Estudos brasileiros indicam um atraso considerável no estabelecimento do diagnóstico, frequentemente próximo dos 6 anos de idade, apesar das preocupações maternas surgirem por volta dos 23 meses. Essa lacuna entre a manifestação dos primeiros sinais e o diagnóstico formal levanta questões sobre a capacitação dos profissionais de saúde e a adequação dos recursos disponíveis. Assim, compreender e lidar com o TEA, em suas diversas abrangências, tornou-se indispensável devido à ampliação da convivência com as pessoas autistas. Neste cenário, surgem questionamentos: de fato há, contemporaneamente, mais pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista? Ou a expressividade do número de diagnósticos representa um fenômeno sócio-cultural, resultado da disseminação de conhecimento em relação às condições de saúde mental e neurodesenvolvimento?</p> <p>Nesse sentido, a formação específica de profissionais de saúde como psicólogos e psiquiatras, para a identificação e manejo do TEA é imprescindível. Pesquisas recentes revelam que estudantes de psicologia em fase final de curso ainda apresentam um nível de conhecimento de regular a baixo, sobre aspectos clínicos, etiológicos e epidemiológicos do TEA. A fragilidade na formação acadêmica pode impactar a capacidade dos futuros</p>			



profissionais em atender à crescente demanda social e de saúde relacionada ao autismo. A necessidade de uma formação robusta e qualificada é evidente, considerando que o aumento dos diagnósticos pode ser tanto um fenômeno biológico-psicológico quanto social, refletindo um contexto pós-moderno.

A revisão sistemática que vem sendo redigida busca analisar o que dizem os estudos recentes, publicados de 2015 a 2025, que tragam pesquisas conduzidas com seres humanos formalmente diagnosticados com TEA, na área da Psicologia. É conduzida com a metodologia PRISMA, um protocolo para revisão sistemática que orienta a busca, seleção e avaliação dos estudos, organizando-os em um fluxograma que documenta desde a identificação até a inclusão final dos artigos para a análise. A busca será realizada nas bases de dados Scopus, PsycINFO e SciELO com os descritores MESH/DeCS: “Autism Spectrum Disorder AND psychology”, “Autism Spectrum Disorder AND treatment”. Em uma busca inicial, encontrou-se na base Scopus 7.168 artigos, na PsycINFO 2.178 artigos e no Scielo 88 artigos, evidenciando um crescimento expressivo no número de pesquisas dedicadas ao transtorno do espectro autista (TEA). Esse aumento reflete tanto a ampliação do interesse científico quanto a urgência social em compreender suas manifestações, possibilidades de diagnóstico precoce, intervenções terapêuticas e implicações sociais. Embora essa situação demonstre a relevância do tema, também levanta questões sobre como esse campo tem se estruturado. Além disso, a busca por visibilidade em um tema socialmente sensível podem contribuir para a proliferação de estudos que nem sempre trazem inovações consistentes. O desafio está em produzir investigações que dialoguem entre si, avancem de maneira substantiva e respondam de fato às demandas sociais e clínicas relacionadas ao TEA.

**Link do Vídeo:**

[https://drive.google.com/file/d/10I5KPWtipkNm7SKRuMrOiqe1TQQ\\_7SVu/view?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/file/d/10I5KPWtipkNm7SKRuMrOiqe1TQQ_7SVu/view?usp=drive_link)